

Dominicus Gundissalinus, *De divisione philosophiae. Über die Enteilung der Philosophie*, hrg. - übers Alexander Fidora und Dorothee Werner (Herders Bibliothek der Philosophie des Mittelalters, 11) Herder, Freiburg 2007, 288 p.; ISBN 978-3-451-28706-0

Alexander Fidora (Barcelona e Frankfurt) tem dedicado boa parte de seus estudos à figura de Domingos Gundissalino, com quem, aliás, se preocupou já em sua tese de doutorado (*Die Wissenschaftstheorie des Dominicus Gundissalinus – Voraussetzungen und Konsequenzen des zweiten Anfangs der aristotelischen Philosophie im 12. Jahrhundert* (Berlin, 2003). Sob dois aspectos seu trabalho mostrou-se importante e inovador para a historiografia filosófica medieval. Em primeiro lugar, ao mostrar que o “segundo início” (*der zweite Anfang*) da filosofia aristotélica – algo tão bem trabalhado por L. Honnefelder - não se deu propriamente a partir do século XIII, mas se iniciou no século XII, tendo como principal expoente o arcediogo de Cuellar. Em segundo lugar, e como consequência do que acaba de ser dito, Gundissalino ressurgiu do passado, deixando de ser visto apenas como um dos grandes tradutores – ou mesmo o maior deles – do século XII, mas como um pensador original, em quem desaguará diversas fontes da tradição greco-árabe, a iniciarse com Aristóteles, passando por Boécio e o neoplatonismo e chegando até os árabes, principalmente Alfarabi e Avicena.

No presente volume é apresentada a edição bilíngüe - e pela primeira vez, em língua moderna, a tradução completa - do *De divisione philosophiae* (*Sobre a divisão da Filosofia*). Como é de todos conhecido, o problema da divisão da Filosofia – que significava, então, do saber humano em geral - provinha da antigüidade e preocupava os pensadores árabes e cristãos. A importância da obra de Gundissalino, observa A. Fidora, provém, de um

lado, do fato de ele haver incorporado novas ciências que estavam então se constituindo e, principalmente, porque “este texto, com sua determinação do que é a Filosofia, sua divisão das ciências e a descrição de seu *status* epistemológico, e a relação entre elas, deu um novo formato à compreensão de ciência de seu tempo, não apenas quanto ao conteúdo, mas também quanto à forma” (p. 12-13).

É mérito de Gundissalino haver colocado, já no prólogo do texto, de forma clara e precisa, que existe uma divisão primeira das ciências, a saber: entre aquelas que são obtidas pelo esforço da razão e aquela que provém da revelação divina. “Chama-se ciência divina aquela que, sabe-se, tendo a Deus como autor, foi dada aos homens, isto é o Antigo e o Novo Testamento. Por isso, lê-se no Antigo Testamento: ‘O Senhor falou’; e no Novo Testamento: ‘Disse Jesus a seus discípulos’”(p. 54). Esse texto, que se encontra, quase *ipsis litteris* em muitos autores do século seguinte, explica porque o pensador hispânico, nessa obra, jamais se refere à revelação ou trata de temas teológicos algo que é quase de estranhar em um autor do século XII.

Ainda no Prólogo, como seria de esperar, Gundissalino procura determinar conceptualmente o que vem a ser a Filosofia e, para tanto, apresenta seis definições dela, recebidas do passado. A seguir, procura diferenciá-la em sua estrutura interna, dividindo-a em teórica e prática e, depois subdividindo a teórica em Natural, Matemática e Metafísica; e a prática em Política, Doméstica e Ética. Como observa A. Fidora, foi o arcediogo o primeiro autor que utilizou a palavra “Metafísica” como um substantivo feminino, tal como nós hoje a usamos. Anteriormente, *metà – tà – physicá* (em três palavras), servia como classificação de ordem bibliográfico-editorial, e assim ela foi literalmente traduzida pelos árabes p.36).

Mais importante ainda, na obra do pensador hispânico, é sua aproximação à *didaskaliká* proposta pelos comentadores aristotélicos, graças à qual não apenas é indicado o modo como se aproximar de um texto, mas também, e acima de tudo, é explicitado como se estruturam internamente as diversas *artes*. Gundissalino, concluindo o Prólogo, apresenta 11 perguntas que devem ser colocadas com esta finalidade: *quid sit, quod genus, quae materia, quae species, quae partes, quod officium, quis finis, quod instrumentum, quis artifex, quare sic vocetur, quo ordine legenda sit* (p. 74). Com isso, sua divisão vai muito além de uma simples enumeração de diferentes ciências, pois é-lhe possibilitada uma estruturação hierárquica delas dentro de um todo, de tal modo que elas podem ser compreendidas e fundamentadas teoricamente. Inspirado, pois, em Aristóteles, mas sem deixar de apresentar traços neoplatônicos, esta ordem, “é apresentada no *De divisione philosophiae* e a ela ele explicitamente recorre, a fim de, em consequência dela, apresentar um conceito epistemológico do todo da Filosofia” (p. 35).

Na análise que se segue das diversas ciências, após o Prólogo, cabe ressaltar, sem dúvida, o que diz a respeito do objeto da Metafísica. Mantendo-se fiel a Aristóteles, para

quem o objeto de uma ciência não pode ser também tematizado por ela, mas deve ser tomado como pressuposto e provado por uma ciência superior, afirma ele que Deus não é o objeto da Metafísica, a não ser *a digniori parte*, isto é, de modo relativo, pois a Metafísica tem a ver, entre outras coisas, também com a demonstrabilidade da existência divina. O objeto dela é pois o ente, que é aquilo que é mais comum e mais evidente. Vale a pena citar o texto latino, no qual é manifesta a influência aviceniana: «*Sed quia in omni scientia id, quod materia ponitur, necessario in alia probatur, post hanc autem nulla restat scientia, in qua materia eius probatur, ideo necessario materia huius scientia est id, quod communius et evidentius omnibus est, scilicet ens, quod siquidem non oportet quaeri, an sit vel quid sit, quasi in alia scientia post hanc debeat hoc certificari*» (p. 100). A pergunta pelo objeto da Metafísica vai percorrer o final do século XII e os séculos seguintes da Idade Média. Talvez Averróis, o grande Averróis, que expirou quase junto com este mesmo século XII, tivesse dado uma resposta diferente ao problema, se houvesse conhecido o texto do arcediogo de Cuellar.

*Luis Alberto De Boni*  
(PUCRS, Porto Alegre)